

Um implante de órgão cultural

Os acontecimentos foram bem recentes e é provável que se lembrem todos: com a chegada, ao Palácio do Buriti, do governador José Aparecido, houve, no corpo do Distrito Federal, uma série de implantação de órgãos, que resultou na criação de quatro novas Secretarias: Indústria e Comércio, Comunicação Social, Trabalho e, finalmente, Cultura que, a exemplo do que havia acontecido ao antigo MEC, separou-se da Secretaria de Educação e Cultura e passou a ter status de co-irmã.

Agora, chegado o fim do ano de 1985, ainda não existindo, por não ter haver sido aprovada no Senado, a Secretaria de Cultura do Distrito Federal, levada à frente pela professora Vera Pinheiro, existe como órgão fantasma: está trabalhando a todo vapor mas não há documento que indique a sua existência legal. No entanto, era preciso tomar alguma atitude, já que os senadores da República não assinaram a lei que a fazia surgir justamente porque já haviam passado o seu último dia de trabalho (antes do recesso do fim do ano) revendo e dando à Nação o já conhecido pacote econômico. Assim, a Secretaria ficou transferida para o mês de março, quando a vida política brasileira voltar ao ritmo normal e, até lá, portanto, temos uma curiosa Assessoria Especial de Cultura do Governo do Distrito Federal, vinculada ao gabinete do governador, mas que "trabalha em ritmo de Secretaria", que tem, entre suas realizações para o ano que termina agora, o arranjo da mesa na qual sentou-se a senhora Miterrand quando visitou a Ceilândia. Tudo indica que esta função, entre outras, agrada totalmente ao governador, já que ele, com seu próprio punho, gosta de rabiscar a indicação de "Assessoria Especial" sob o nome de Vera Pinheiro nas correspondências que recebe e colocar, com indisfarçável orgulho: "Secretaria de Cultura".

E é provável mesmo que o governador José Aparecido tenha motivos de orgulho, já que a criação desta Secretaria em particular foi causa de muita indisposição entre os artistas da cidade que viam, na decisão governamental, um gesto inútil e, mais grave ainda, um atentado à Fundação Cultural do Distrito Federal (que, por sinal, sempre agiu, e bem, sem a existência da Secretaria). Assim, na época em que foi anunciada sua criação, uma leva significativa de pessoas de Brasília se reuniram, assinaram um documento escrito com palavras bem firmes, vários encontros foram organizados e o resultado foi um só: o primeiro nome indicado para o novo cargo, o do jornalista José Carlos de Andrade renunciou antes de assumir, levado evidentemente pelas pressões.

Agora, no entanto, a indicar pelo que se comenta nos corredores da nova Secretaria, a Fundação deve continuar a mesma, já que "está funcionando bem e o propósito de todos é conciliar". Mesmo assim, é bom duvidar que as coisas continuem no pé em que estão, pois nunca se viu o diretor da Fundação, Luis Humberto, e a professora Vera Pinheiro, da Secretaria, aos beijos e abraços, ou sequer trocando sorrisos em recepções. Pelo contrário, sempre mantêm uma distância de várias cadeiras entre si quando têm que se sentarem em público. Mas se for modificada



A secretária Vera Pinheiro está na Europa, com o governador, e deve voltar cheia de idéias

a diretoria da Fundação, é certo também que muita poeira será levantada e muitos ânimos se reavivarão. Por enquanto, o clima está calmo ao que tudo indica, a não ser que a secretária Vera Pinheiro volte de sua viagem da Europa, onde está acompanhando o governador José Aparecido (e onde terá encontros com os secretários de Cultura das

cidades visitadas) com novas diretrizes. Mas trata-se apenas de possibilidades tumultuadas em meio a um mar de aparente calma. De qualquer jeito, é sempre bom esperar ondas mais fortes e marolas desestabilizadoras, porque em um governo dado a surpresas como este, nunca se sabe realmente o que reserva o futuro.

O que foi feito

Mas a Secretaria de Cultura, ou Assessoria Especial, vai bem e está trabalhando muito. Já tem uma estrutura formada e devidamente engatilhada, que se divide, basicamente em três gerências: a do Patrimônio, a das Bibliotecas Públicas e a da Ação e Intercâmbios Culturais. A primeira cuida basicamente da proteção da cultura e de sua produção. A segunda, que pretende ser bastante dinâmica, deseja criar uma biblioteca para cada cidade-satélite e, finalmente, a terceira se ocupa dos museus e do intercâmbio cultural entre as cidades-satélites e o Plano Piloto que, verdade seja dita, sempre estiveram de costas um para o outro.

E, com tamanha munição, já foram lançados, com o patrocínio da Secretaria, o livro *As Laranjas Iguais*, de Oswaldo França Jr., *Pó-de-Mico Macaco de Circo*, de Adão Ventura, *Cuba Libre*, de André Carvalho e *Tempo de Contar*, de Joel Silveira.

Houve também exposições, que sempre se apresentaram, sintomaticamente, longe dos prédios da Fundação Cultural: a mineira Marisa Guerra apresentou-se no Memorial JK e Marina Nazareth (da família do governador do Distrito Federal) teve seus trabalhos expostos na Performance.

Além disto, a Secretaria trouxe, recebeu e hospedou os artistas brasileiros (Caetano Veloso, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Clementina de Jesus, entre outros) para serem condecorados pelo governo francês em Brasília, quando François Miterrand visitou o País. Daí a Secretaria também haver sido convidada para arrumar a mesa na Ceilândia.

A secretária Vera Pinheiro participou, antes de sua viagem à Europa, do Fórum de Secretários de Cultura em São Paulo e conseguiu, numa eleição da qual saiu vitoriosa, trazer o 10º Fórum para Brasília, onde será discutido o tema Cultura e Constituinte.

Neste final de ano, há muita coisa acontecendo nas cidades-satélites às custas da Secretaria, como as Pastorinhas de Planaltina e a Catira de Brazlândia. A linha mestra da novo órgão, justamente, é revitalizar a arte popular, o artesanato encontrado na periferia da cidade e promover o intercâmbio entre os artistas e o povo. Não pretende criar eventos, mas sim normatizá-los. E, neste espírito, irá, em 1986, patrocinar a criação de centros de ação cultural nas cidades-satélites, a criação de um sistema de bibliotecas públicas no Distrito Federal e, finalmente, a integração do setor cultural com os demais setores do Governo do Distrito Federal o que significa que a cultura poderá ter livre trânsito nas outras secretarias, se isto for necessário para a realização de projetos.

Dito isto, fica em aberto o futuro da Secretaria e da população regida por ela. Há quem garanta que ela vai funcionar a contento e que só trará benefícios. Mas há também quem cruze os braços e duvide, honestamente.